

AUTORA DO FENÔMENO A SOCIEDADE DE ATLAS

OLIVIE BLAKE

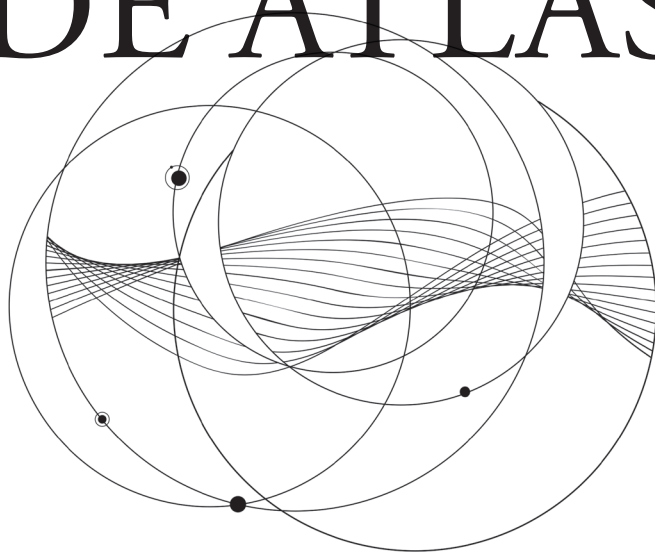
O
PARADOXO
DE ATLAS



intrínseca

OLIVIE BLAKE

O
PARADOXO
DE ATLAS



Tradução de Karine Ribeiro



Copyright do texto © 2022 by Alexene Farol Follmuth
Publicado mediante acordo com Tom Doherty Associates, LLC.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Atlas Paradox

PREPARAÇÃO
João Rodrigues

REVISÃO
Carolina Vaz

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO
Little Chmura

ARTE E DESIGN DE CAPA
Jamie Stafford-Hill

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B568p

Blake, Olivie, 1988-

O paradoxo de atlas / Olivie Blake ; tradução Karine Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
464 p. : il. ; 23 cm. (A sociedade de atlas ; 2)

Tradução de: The atlas paradox
Sequência de: A sociedade de atlas
ISBN 978-65-5560-726-0

1. Ficção americana. I. Ribeiro, Karine. II. Título. III. Série.

23-82680

CDD: 813
CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para o meu talismã,
Henry Atlas*

COMEÇO
I: TORPOR
II: INICIADOS
III: ORIGENS
IV: ENTROPIA
V: DUALIDADE
INTERLÚDIO
VI: EGO
VII: ALMA
VIII: DESTINO
IX: OLIMPO
FIM?

· COMEÇO ·

Gideon Drake protegeu os olhos do sol escaldante e deu uma olhada nas colinas abrasadas e enegrecidas. O calor tremulava no ar entre nuvens de cinzas. Pequenas asas de mariposas feitas de destroços voavam delicadamente por sua visão limitada.

A fumaça era espessa, poeirenta o suficiente para grudar na garganta, e, se qualquer parte dela fosse verdadeira, seria certamente um caso de emergência médica.

Mas aquele não era o caso.

Gideon olhou para baixo, para o labrador preto ao seu lado, que franzia o cenho, contemplativo, e então se voltou para a cena desconhecida, cobrindo a boca com a camisa para manifestar um fino véu de ar semirrespirável.

— Muito interessante — murmurou Gideon para si mesmo.

Nos reinos dos sonhos, essas queimadas aconteciam de tempos em tempos. Gideon as chamava de “erosões”, embora, se algum dia ele encontrasse outro de seu tipo, não ficaria surpreso em saber que já havia um nome correto para aquilo. Era comum o suficiente, embora nunca... inflamável daquele jeito.

Se Gideon tinha uma filosofia, era esta: não há motivo para se desesperar.

Para Gideon Drake não havia como dizer o que era real e o que não era. A percepção dele acerca do deserto sonhado podia ser uma cena completamente diferente para o sonhador. As queimadas eram um excelente lembrete de algo que Gideon aprendera havia muito tempo: há ruína em toda parte se ruína é o que você busca.

— Bem, vamos então, Max — disse Gideon para o cachorro, que coincidentemente era seu colega de quarto.

Max farejou o ar e choramingou enquanto se afastavam, mas os dois entendiam que os sonhos eram o domínio de Gideon e que, portanto, o caminho que seguiriam era decisão de Gideon.

Magicamente falando, os reinos dos sonhos eram parte de um subconsciente coletivo. Enquanto cada humano tinha acesso a um canto dos reinos, poucos eram capazes de atravessar os reinos dos sonhos como Gideon fazia.

Ver onde a consciência de uma pessoa terminava e a de outra começava requeria um conjunto particular de habilidades, e Gideon — que conhecia os padrões de transformação dos reinos da mesma forma que marinheiros conheciam as marés — se movimentava com ainda mais cautela agora que raramente se via fora da névoa deles.

Para o mundo exterior, Gideon se apresentava como uma pessoa bastante normal com narcolepsia. Entender sua magia, no entanto, não era tão simples assim. Para ele, a linha entre o consciente e o subconsciente era muito tênue. Gideon podia identificar tempo e localização dentro dos reinos dos sonhos, mas sua habilidade de caminhar por eles por vezes o impedia de se manter acordado durante o café da manhã. Parecia que ele pertencia mais ao reino dos sonhos do que ao mundo dos vivos. Ainda assim, o aparente defeito sonambular de Gideon significava que as restrições que outras pessoas encontravam não eram um obstáculo para ele. Em um sonho uma pessoa normal podia voar, por exemplo, mas sabia que estava sonhando e, portanto, estaria consciente de que não podia fazer aquilo na vida real. Gideon Drake, por outro lado, podia voar, ponto final. Se estava fazendo aquilo acordado ou sonhando era algo que nem sempre ele conseguia distinguir.

Dentro de um sonho, Gideon não era tecnicamente mais poderoso que qualquer outra pessoa seria. Seus limites corpóreos eram similares aos da telepatia — nenhuma magia feita nos reinos dos sonhos poderia feri-lo de modo permanente, a não ser que a forma física dele sofresse algo como um infarto ou uma convulsão. Gideon sentia dor da mesma forma que outra pessoa talvez sentisse num sonho — uma dor imaginada, e então, ao acordar, ausente. Isto é, a não ser que estivesse sob uma quantidade incomum de estresse, o que então poderia causar uma das reações corpóreas citadas anteriormente. Com isso, no entanto, ele nunca se preocupava. Apenas Nico se preocupava com esse tipo de coisa.

Ao pensar em Nico, Gideon sentia como se parte de si estivesse exposta, como se houvesse perdido o pé de um sapato e continuado a se arrastar sem ele. Durante o último ano, havia treinado (com graus variados de sucesso, dependendo do dia) formas de parar de catalogar a ausência de sua companhia de sempre. A princípio, foi difícil. Pensar em Nico geralmente era um reflexo involuntário, uma espécie de memória muscular, sem preempção ou preme-

ditação, e, portanto, capaz de gerar a consequência imprevista de perturbar a rotina pretendida de Gideon. Às vezes, quando seus pensamentos iam até Nico, ele fazia o mesmo.

No fim, o problema e a providência de conhecer Nico de Varona eram que ele não podia ser esquecido prontamente, nem deixado de lado com facilidade. Sentir sua falta era como sentir a falta de um membro arrancado. Nunca exatamente completo nem nunca inteiro, embora em alguns casos a dor fantasma tenha se provado reveladora.

Gideon se permitiu sentir as coisas que tentou (sob outras circunstâncias) não sentir e, com um suspiro de alívio, percebeu os reinos se movimentarem com cortesia sob seus pés. O pesadelo aos poucos cedeu, dando espaço à atmosfera dos próprios sonhos de Gideon, que então seguiu o caminho que surgia à sua frente com maior facilidade: o dele próprio.

A fumaça do sonho se dissipou enquanto a mente de Gideon vagava, e assim ele e Max se viram navegando através da percepção consciente do tempo e do espaço. No lugar da terra abrasada, havia agora a vaga sugestão do aroma de pipoca de micro-ondas e detergente de roupas industrial, características inconfundíveis dos dormitórios da UAMNY.

Com eles, surgiu também o rosto familiar de um adolescente que Gideon conheceria.

— Sou o Nico — apresentou-se o garoto de olhos arregalados e cabelos despenteados cuja camiseta estava inadvertidamente amassada de um lado, graças à presença de sua bolsa de viagem. — Você é Gideon? Tá com cara de cansado — comentou ele depois, jogando a bolsa debaixo da segunda cama e olhando ao redor do quarto. — Sabe, a gente ia ter bem mais espaço se colocasse uma cama em cima da outra.

Aquilo era uma lembrança ou um sonho? Era difícil para Gideon Drake distinguir.

Não era possível explicar o que exatamente Nico havia feito com o ar do quarto, algo que o próprio Nico não parecia ter percebido.

Sentindo um pouco de claustrofobia, Gideon conseguiu dizer:

— Não sei se temos permissão para mexer nos móveis, mas acho que podemos perguntar.

— Poder, podemos, mas perguntar também acabaria diminuindo nossas chances de uma resposta favorável. — Nico o observou, intrigado. — E que sotaque é esse? Francês?

— Mais ou menos. Acádio.

— De Quebec?

— Quase.

Nico abriu um sorriso.

— Bem, excelente, então — disse ele. — Eu queria mesmo me expandir linguisticamente. Penso demais em inglês agora, e preciso de outra coisa. Nunca confie numa dicotomia, é o que eu sempre digo. Mas, uma pergunta importante: você quer ficar em cima ou embaixo?

Gideon mordeu o lábio.

— Você escolhe — conseguiu dizer.

E assim Nico gesticulou, reorganizando os móveis tão facilmente que, num piscar de olhos, Gideon já tinha esquecido como o quarto estava no começo.

Gideon aprendeu muito rápido que, se não havia espaço, então Nico arranjava algum. Se as coisas ficassem paradas por muito tempo, Nico inevitavelmente as tumultuava. Os administradores da UAMNY haviam sentido que a única estrutura necessária para receber Gideon era enquadrá-lo como “estudante com necessidade de serviços para pessoas com deficiência” e nada mais. No entanto, considerando tudo que observara em seu novo colega de quarto segundos após conhecê-lo, Gideon teve a certeza incômoda de que seria uma questão de tempo até que Nico descobrisse a verdade a seu respeito.

— Para onde você vai? — perguntara Nico, provando o ponto de Gideon. — Quando você dorme, quero dizer.

O ano começara havia duas semanas, e Nico desceu da cama de cima do beliche, surgindo ao lado de Gideon e o acordando. Gideon nem percebeu que estava dormindo.

— Eu tenho narcolepsia — conseguiu dizer.

— Até parece — rebateu Nico.

Gideon o encarou e pensou: *Não posso te contar*. Não achava que Nico ia se revelar algum tipo de caçador de criaturas ou alguém plantado em seu quarto por sua mãe (embora ambas as possibilidades fossem plausíveis), mas sempre havia um momento em que as pessoas começavam a vê-lo com outros olhos. Gideon odiava esse momento, quando os outros encontravam motivos — talvez vários motivos — para reforçar a suspeita de que ele era, de alguma forma, repulsivo. Conhecimento instintivo. Presa respondendo a uma ameaça. Lutar ou fugir.

Não posso contar para ninguém, pensara Gideon, mas principalmente não para você.

— Você tem algo estranho — continuou Nico, sério. — Não um estranho ruim, apenas estranho. — Ele cruzou os braços, refletindo. — Qual é a sua história?

— Já te falei. Narcolepsia.

Nico revirou os olhos.

— *Menteur.*

Mentiroso. Então ele planejava mesmo aprender francês.

— Como se diz “cala a boca” em espanhol? — perguntara na vida real uma versão antiga de Gideon, e Nico dera um sorriso que mais tarde Gideon viria a descobrir ser excepcionalmente perigoso.

— Saia da cama, Sandman — dissera Nico, jogando de lado os cobertores. — Vamos dar uma voltinha.

De volta ao presente, Max roçou o focinho no joelho de Gideon, com força o suficiente para ele cambalear tentando se equilibrar.

— Obrigado — disse ele, se libertando da recordação.

O quarto do dormitório se dissipou na erosão da encosta distante em chamas, enquanto Max olhava para ele com expectativa.

— Nico está por aqui — comentou Gideon, apontando para um arbusto fumegante.

Max não parecia convencido.

Gideon suspirou.

— Está bem — disse, e então conjurou uma bola, jogando-a nas árvores. — Vai pegar.

A bola irradiava luz enquanto ganhava velocidade, embebendo a floresta num brilho fraco e reconfortante. Max lançou outro olhar irritado para Gideon, mas disparou à frente, seguindo o caminho que a magia do amigo havia criado.

Todo mundo tinha magia nos sonhos. As limitações não eram as leis da física, e sim o controle do sonhador. Gideon, uma criatura que com frequência oscilava entre o consciente e o inconsciente, não tinha memória muscular quando se tratava das limitações da realidade. (Se você não sabe exatamente onde as impossibilidades começam e terminam, então é claro que elas não servem como restrição.)

Quer Gideon simplesmente *tivesse* magia ou fosse *ele próprio* mágico era um assunto em perpétuo debate. Nico era inflexível quanto à primeira afirmação, já Gideon não tinha tanta certeza. Ele mal conseguia desempenhar

bruxaria básica quando solicitado em sala de aula, o que o levou a se dedicar com afincos a estudos retóricos de como e por que a magia existia. E, como Nico era um físico, ele via o mundo em termos de construção pseudoanatômica, mas Gideon gostava de pensar no mundo como algum tipo de nuvem de dados. Afinal de contas, todos os reinos dos sonhos eram isto: um espaço compartilhado para a experiência da humanidade.

O Nico de verdade estava mais próximo agora, e os limites da floresta em chamas rapidamente minguiaram para uma fina faixa de praia vazia. Gideon se agachou para tocar a areia, e então enfiou o braço nela, testando. As coisas não queimavam ali, mas o braço dele desapareceu no mesmo instante, engolido até o ombro. Max emitiu um rosnado baixo de alerta.

Gideon retirou a mão, estendendo-a para afagar o queixo do amigo.

— Por que você não fica aqui? — sugeriu Gideon. — Volto para te buscar em mais ou menos uma hora.

Max choramingou baixinho.

— Pode deixar, vou tomar cuidado — garantiu Gideon. — Você está parecendo o Nico, sabe.

Max latiu.

— Está bem, retiro o que disse.

Com um revirar de olhos, Gideon se ajoelhou na praia e submergiu a mão outra vez, agora se inclinando para dentro da areia até que ela tomasse conta de seu corpo e ele deslizasse por inteiro para o outro lado. Instantaneamente houve uma mudança na pressão, de alta para baixa, e Gideon se viu indo de encontro a ainda mais areia, caindo do céu nas colinas ondulantes de um deserto árido.

Ele caiu de cara na areia, conseguindo cuspir um pouco dela e se recompor. Tendo sido exposto a alguns de seus muitos presentes menos agradáveis, Gideon não era o que pode se chamar de amante da natureza. Havia coisas piores que areia? Sim, definitivamente, mas ainda assim Gideon considerava razoável achar seus efeitos ofensivos. Já a sentia por toda parte, no contorno de suas orelhas e em seus dentes, assumindo residência nos regatos de seu couro cabeludo. Não era ideal, mas, como sempre, não havia motivos para se desesperar.

Gideon se arrastou até ficar de pé, com dificuldade para manter o equilíbrio na faixa infinita de areia que subia até o topo de suas panturrilhas. Em seguida espiou as dunas, se preparando para algo. O que seria, ele não fazia ideia. Toda vez era diferente.

Um zumbido na orelha direita o fez se virar de repente (ou pelo menos tentar) com um grito, se defendendo de uma ameaça invisível. Devia ser só um mosquito, e Gideon não ligava para insetos. Outro zumbido, que ele imediatamente espantou, dessa vez sentindo uma pontada de agulha no antebraço. Um vergão já estava começando a aparecer, uma lágrima grande de sangue subindo da perfuração. Gideon inspecionou a ferida com mais cuidado, retirando um exoesqueleto de metal, um ínfimo vestígio de pólvora.

Nada de insetos, então.

Saber que tipo de obstáculo vinha a seguir trazia um alívio ambíguo, porque significava que Gideon então tinha tanto a habilidade quanto a necessidade de planejar sua defesa. Às vezes, entrar nesse subconsciente particular era uma questão tática. Às vezes havia combate. Outras vezes, labirintos. Em uma ocasião ou outra, salas trancadas, perseguições e lutas. Estas eram preferíveis, devido à geral proficiência de Gideon (até então) em enganar a morte e todos os seus cavaleiros. Em alguns casos, tratava-se apenas do esforço da empreitada, da contenção, uma questão simples mas terrível de resistência. Gideon não podia morrer nos sonhos — ninguém podia —, mas podia sofrer. Podia sentir medo, ou dor. Às vezes, o teste se tratava de cerrar o maxilar e aguentar o tranco.

Aquele sonho, infelizmente, seria um desses.

Quaisquer que fossem as armas pequeninas que estavam sendo disparadas em sua direção, agora eram pequenas demais para desviar e rápidas demais para combater — provavelmente nada que pudesse existir na Terra ou ser operado por humanos. Gideon aceitou os golpes inescapáveis e mergulhou para dentro do chicotear do vento, fechando os olhos para se proteger da areia. Ela se misturava às suas feridas abertas, o sangue escorrendo por seus braços. Não conseguia abrir os olhos completamente, mas identificou as manchas vermelhas, luminosas e relativamente benignas, mas ainda assim feias, como vestígios de lágrimas nas estátuas de mártires e santos.

Fosse lá que telepata havia instalado aquelas proteções era, sem sombra de dúvida, algum sádico da mais alta e perturbadora ordem.

Algo perfurou o pescoço de Gideon, se cravando em sua garganta, e sua traqueia foi instantaneamente comprometida. Engasgando-se, ele se apressou para aplicar pressão no ferimento, ordenando ao corpo que se regenerasse mais rápido. Sonhos não eram reais, o dano não era real. A única coisa real era seu esforço, e isso ele daria sem questionar. Isso ele sempre daria, sempre,

porque nas cavernas mais profundas de seu coração, Gideon sabia que era justificado. Não era apenas justo, mas um dever.

Os ventos aceleraram, a areia secando seus olhos e lábios e se aderindo ao suor nas dobras de seu pescoço, e Gideon, invocando os volumes de sua dor, botou para fora um grito. Do tipo primitivo. Do tipo que significava que quem gritava estava desistindo, cedendo. Ele gritou e gritou e tentou, de algum lugar dentro de sua agonia, oferecer a rendição adequada, a senha secreta. A mensagem certa. Algo como *vou morrer antes de desistir, mas tudo dentro de suas proteções está a salvo de mim*.

Sou apenas um homem tomado pela dor. Sou apenas um mortal com uma mensagem.

Provavelmente funcionou, porque assim que os pulmões de Gideon se esvaziaram, explodindo com súplica e esforço, o chão cedeu. E então ele caiu com um som estrondoso de sucção antes de ser entregue, misericordiosamente, à súbita desocupação de um quarto vazio.

— Ah, que bom, você apareceu — disse Nico, com um alívio palpável na voz, se pondo de pé e se aproximando das barras das proteções telepáticas que os separavam. — Acho que eu estava sonhando com uma praia ou algo assim.

De forma instintiva, Gideon olhou para os braços em busca da evidência de sangue ou areia, se entregando a uma respiração-teste para conferir os pulmões. Tudo parecia estar em ordem, o que significava que ele havia entrado nas proteções da Sociedade Alexandrina pela centésima décima oitava vez.

Cada vez era um pouco mais atemorizante que a anterior. Cada vez, no entanto, valia a pena.

Nico sorriu, se recostando nas barras com seu olhar presunçoso de sempre.

— Você parece ótimo — observou ele, com malícia. — Está bem descansado, como sempre.

Gideon revirou os olhos.

— Bem, estou aqui — confirmou, e então, porque era o que Gideon viera fazer, adicionou: — E acho que posso estar perto de encontrar Libby.

O PARADOXO:

Se poder é algo a se ter, então também é algo capaz de posseção. Mas poder não é discreto em tamanho nem em peso. Poder é contínuo. Poder é parabólico. Suponhamos que você receba algum poder, que então aumenta sua capacidade de acumular mais poder. Sua capacidade de acumular poder aumenta exponencialmente em relação ao verdadeiro poder que você ganhou. Portanto, ganhar poder é estar cada vez mais sem poder.

Se quanto mais poder alguém tem, menos poder esse alguém tem, logo quem é que possui quem?

Destino é uma escolha. E, na continuação eletrizante de *A sociedade de Atlas*, toda escolha tem consequências devastadoras.

Detentora do conhecimento perdido das grandes civilizações da Antiguidade, a Sociedade Alexandrina guarda mistérios que a cada década precisam ser desvendados pelos mágicos mais talentosos do mundo. Comandado por Atlas Blakely, um homem misterioso com um passado sombrio, o lugar garante aos seus membros uma vida de prestígio e privilégios.

Ao longo de um ano, seis jovens lutaram para provar a serventia de seus poderes em um jogo incendiário e perigoso, mas apenas cinco deles concluíram a iniciação. Agora, os mágicos precisam lidar com o peso de suas decisões e entender quem — ou o *quê* — está por trás da instituição, enquanto tentam decifrar um enigma que desafia suas habilidades e seus conhecimentos sobre tempo e espaço.

Alianças começam a ruir e novos pactos são forjados, e eles logo se veem presos numa intrincada teia de conspirações e intrigas que põe à prova tudo em que acreditavam.

Em *O paradoxo de Atlas*, os mágicos confrontam dois caminhos implacáveis que podem definir o futuro da humanidade, e chegam a hora de escolher um lado. Se o conhecimento cobra um preço, o que mais eles vão sacrificar?

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1260/>

